

**O Encontro Cultural de Laranjeiras e a cidade de Laranjeiras: uma análise da apropriação dos lugares da cidade pelo evento**

*Luciana de Araujo Aguiar\**

**RESUMO:** O artigo procura identificar e analisar como o Encontro Cultural de Laranjeiras, evento cultural que acontece na cidade de Laranjeiras (Sergipe) se apropria dos espaços da cidade durante o período do evento. O referencial teórico inclui autores como Lynch (1999), Holston (1993), Foucault (2006), Lévi-Strauss (1957), Waterson (2009), entre outros. Esses autores constroem suas reflexões a partir do ponto de vista de que os espaços possuem valores, assim, participam ativamente e não passivamente na produção de sujeitos e relações sociais. Dessa maneira, não só as pessoas e relações produzem o espaço, mas também o espaço, por ter valores próprios, produz pessoas e relações. É a partir deste ponto de vista que eu analiso a apropriação dos espaços da cidade pelo Encontro Cultural de Laranjeiras.

**Palavras-Chave:** *Encontro Cultural de Laranjeiras (Sergipe); Antropologia do Espaço; Cultura Popular.*

**ABSTRAC:** The article seeks to identify and analyze how the Cultural Meeting of Laranjeiras, cultural event that takes place in the city of Laranjeiras (Sergipe State) appropriates the spaces of the city during the event period. The theoretical framework used includes authors such as Lynch (1999), Holston (1993), Foucault (2006), Lévi-Strauss (1957), Waterson (2009), among others. These authors build their reflections from the standpoint of the spaces have values, thus, they participate actively and not passively in the production of subjects and social relations. Thus, not only people and relationships produce the space, but also the space, because it has values, produces people and relationships. It is from this point of view that I analyze the appropriation of city spaces for the Cultural Meeting of Laranjeiras.

3

**Keywords:** *Cultural Meeting of Laranjeiras (Sergipe State); Anthropology of Space; Popular Culture.*

### **Introdução**

O artigo busca identificar e analisar como o Encontro Cultural de Laranjeiras, evento cultural que ocorre na cidade de Laranjeiras (SE) se apropria dos espaços da cidade durante o período do evento. Para isto utilizo os dados do meu trabalho de campo realizado em janeiro de 2010 que deu origem a dissertação de mestrado intitulada “Celebração e Estudo do Folclore Brasileiro: O Encontro Cultural de Laranjeiras (SE)” defendida em 2011 pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

---

\* Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Sociologia, com Concentração em Antropologia, pelo PPGSA/ UFRJ.

Como referencial teórico utilizo autores como Lynch (1999), Holston (1993) Foucault (2006), Lévi-Strauss (1957), Waterson (2009), entre outros. Esses autores constroem suas reflexões a partir do ponto de vista de que os espaços possuem valores e por isso participam ativamente e não passivamente na produção de sujeitos e relações sociais. Dessa forma, não só as pessoas e as relações produzem um espaço, mas também o espaço, por possuir valores que lhes são próprios, produzem pessoas e relações. É a partir desse ponto-de-vista que vou analisar a apropriação dos espaços da cidade de Laranjeiras pelo Encontro Cultural.

### **O Encontro Cultural de Laranjeiras**

O Encontro Cultural de Laranjeiras acontece na cidade de Laranjeiras, localizada a aproximadamente 23 quilômetros da capital do estado de Sergipe (Aracaju) e que, por conta do seu contexto sócio-histórico<sup>1</sup>, é palco de muitas manifestações artísticas tradicionais. No ano de 2010 o XXXV Encontro Cultural ocorreu entre os dias 07 e 10 de janeiro e teve como tema: “Patrimônio Cultural: Pilar do Desenvolvimento”.

4

---

Além de um simpósio temático anual, no qual folcloristas e intelectuais se reúnem para debater questões relacionadas à cultura tradicional brasileira, o Encontro se promove também pela apresentação de grupos folclóricos, grupos não só da cidade de Laranjeiras, mas também de outras cidades do estado de Sergipe e até mesmo de outros estados do nordeste. O evento apresenta também outras atrações como apresentações de teatro e dança, exposição, oficinas de artesanato, concertos e shows noturnos, sendo estes últimos as atrações que mais atraem público durante todo o período do Encontro.

Tanto as apresentações dos grupos folclóricos, quanto as peças de teatro e dança bem como as oficinas são patrocinados pela Prefeitura de

---

<sup>1</sup> No século XIX a cidade se destaca como um das principais cidades de Sergipe, sua riqueza vinha, sobretudo, do açúcar produzido nos engenhos espalhados pelos terrenos de massapé do vale do Continguiba, rio que banha a cidade. O ciclo da cana de açúcar fez com que a cidade abrigasse uma expressiva população negra e escrava, de modo que no final do século XIX, se localizava o maior percentual de africanos existentes na Província de Sergipe. (Dantas, 2009). É nesse contexto sócio-histórico que se desenvolve uma multiplicidade de expressões artísticas de caráter tradicional, geralmente referidas como folclore, que caracteriza a cidade de Laranjeiras atualmente e que são celebradas no Encontro Cultural de Laranjeiras.

Laranjeiras. Já o simpósio e os shows noturnos são patrocinados pelo Estado de Sergipe. Além disso, o evento recebe patrocínio do Grupo Votorantim, Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Banco de Sergipe e da Universidade Federal de Sergipe. Dessa maneira, o encontro se desenvolveu graças à articulação de diferentes camadas sociais.

Segundo o projeto elaborado para o I Encontro, seus objetivos eram: “1- Estudar as manifestações da cultura popular no Estado; 2- Promover a apresentação de grupos; 3- Discutir, em alto nível, as questões fundamentais da cultura popular; 4- Fomentar o intercâmbio intermunicipal de grupos; 5- Valorizar a criação popular, em todos os níveis” (Nascimento, 1996). Esses objetivos ainda continuam na ordem do dia, outros objetivos foram, porém, acrescentados, como o divertimento de turistas e da população local com a entrada dos shows e de outras atrações no começo da década de 1980.

O encontro tem abertura na quinta-feira com um simpósio que ocorre entre quinta e sexta-feira. A abertura oficial do evento é na sexta à noite, embora já tenha atrações do Encontro entre quinta e sexta-feira. O sábado é voltado para as apresentações dos grupos folclóricos e as demais atrações e no domingo o destaque são as atrações da festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito como a coroação da rainha das Taieiras<sup>2</sup> na missa na Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e a louvação da Chegança<sup>3</sup> e do Cacumbi<sup>4</sup> nessa mesma missa. No domingo, na parte da tarde, há uma procissão que, também relacionada à festa dos santos, encerra os rituais da festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Ao longo do dia de

---

<sup>2</sup> A Taieira, segundo a coordenadora do grupo, é um ritual de coroação de Nossa Senhora do Rosário. As taieiras são meninas que dançam para louvar Nossa Senhora do Rosário. Além das taieiras, o ritual é composto ainda por outros personagens: as rainhas, personagem que é coroada, junto com Nossa Senhora do Rosário na missa, as lacraias, (mulheres que seguram sombrinhas debaixo das quais seguem as rainhas) o rei, o ministro (que é quem acompanha o rei) capacete (menino que faz guarda ao rei) e o patrão, que é o tocador do tambor, instrumento que marca o ritmo dos cânticos.

<sup>3</sup> Em Laranjeiras é um teatro popular que se assemelha a marujada em que os componentes, todos do sexo masculino, rememoram as lutas entre cristãos e mouros, em que mouros após serem derrotados por cristãos são batizados por eles. Toda a trama ocorre dentro do navio dos cristãos. Na festa de reis da cidade, os personagens que louvam Nossa Senhora do Rosário e São Benedito são os cristãos, os personagens mouros só aparecem no momento de apresentação do teatro. Não aparecem, pois, nos festejos religiosos, cristãos.

<sup>4</sup> Em Laranjeiras é uma dança que se assemelha a Congada e o Reisado em os bailarinos, todos homens, louvam, como os outros dois grupos, os santos padroeiros dos negros.

domingo, simultaneamente com as atrações da festa dos santos, estão ocorrendo atrações do Encontro Cultural como apresentações dos grupos folclóricos, oficinas, apresentação de teatro de dança e shows diurnos e noturnos.

Com todas as atrações que Encontro Cultural de Laranjeiras possui, ele é atualmente um dos eventos de maior proporção no Estado de Sergipe, tanto na área econômica e de turismo, quanto na área cultural.<sup>5</sup> Além de ser também o único evento no Brasil a discutir folclore e cultura popular brasileira há 35 anos visto que nos simpósios estiveram os maiores folcloristas do Brasil, além de outros pesquisadores como antropólogos, historiadores, teatrólogos, etc, O Encontro é considerado por alguns, como disse um ex-secretário de cultura de Laranjeiras uma “escola de folclore”.

### **A cidade de Laranjeiras e o Encontro Cultural**

O Encontro Cultural de Laranjeiras apresenta uma variedade de atividades que ocorrem simultaneamente, ou não, em vários pontos da cidade. Esses “pontos da cidade” sobre os quais eu me refiro são edifícios, ruas, praças, igrejas, clubes, entre outros espaços que são, muitas vezes, ressignificados no Encontro Cultural. Pretendo neste tópico identificar como os “pontos da cidade” de Laranjeiras são apropriados no Encontro Cultural.<sup>6</sup>

A primeira programação do Encontro Cultural é o simpósio que teve abertura na quinta-feira no auditório da Universidade Federal de Sergipe (UFS)<sup>7</sup> e ocorreu durante todo o dia de quinta-feira e sexta-feira. O público presente nestes simpósios eram em sua maioria professores (não só de Laranjeiras, mas também de Aracaju e de outras cidades do estado) estudantes secundaristas, estudantes da universidade e formadores de opinião da cidade. Os palestrantes eram em sua maioria pessoas de órgãos públicos ligados a cultura e patrimônio cultural, professores e folcloristas. Um outro

---

<sup>5</sup> Cf. Guia de Cultura e Turismo de Sergipe – janeiro- ano 2- número 7

<sup>6</sup> Estou trabalhando aqui apenas com os dados do XXXV Encontro Cultural de Laranjeiras. O Encontro de 2010

<sup>7</sup> Importante destacar que o campus da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em Laranjeiras foi criado em 2009 e conta com os cursos: museologia, arquitetura, arqueologia, dança e teatro.

público era também atraído para o simpósio: os mestres de cultura popular de Laranjeiras. Ao que parece, é como se, através do discurso dos folcloristas que são vistos como intelectuais do estudo do folclore porque sabem sobre folclore, os mestres fossem vistos também como intelectuais, porque da mesma forma que os folcloristas, eles também sabem sobre folclore.

Diferentemente do público atraído pelo simpósio, o público que assistia as apresentações de teatro e dança eram, em sua maioria, moradores da cidade de Laranjeiras e pela observação das pessoas que assistia as apresentações, elas pareciam ser das camadas mais baixas da população. Crianças, mulheres adultos e homens adultos, majoritariamente, se aglomeravam em volta dos palcos ou do chão mesmo e sentados ou em pé, quase sempre debaixo do sol, assistiam as apresentações.

As apresentações ocorriam em três espaços: na frente do prédio da UFS, no chão, no palco da Matriz, localizado no lado oposto a Igreja Matriz e no palco Dona Lalinha<sup>8</sup>. Os três lugares são lugares centrais para a localização no centro da cidade: a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Pardos, na frente da qual se encontrava localizado o palco Dona Lalinha e o edifício da UFS, o maior edifício da cidade.

Esses espaços por serem marcos de localização para os moradores de Laranjeiras, acabam atraindo mais esses moradores do que, por exemplo, as atividades dentro da universidade. Da mesma forma, acabam atraindo mais os moradores de Laranjeiras do que turistas de outras cidades ou outros estados. Esses espaços também por serem “populares” na medida em que são acessíveis e visíveis a todos, diferente do espaço interior da universidade, por exemplo, acaba privilegiando e atraindo atividades “populares”, como apresentações de teatros de rua, por exemplo, que eram as apresentações que mais agregavam pessoas.

Outras atrações atraíam muitas pessoas também como os shows. Houve cinco tipos de shows diferentes: Shows de bandas laranjeirenses, que ocorreu em dois espaços: palco Dona Lalinha e palco do Clube Recreativo.

---

<sup>8</sup> Dona Lalinha foi uma importante mestra popular de Laranjeiras. Dirigiu muitos anos o maior reisado que tinha na cidade e por conta disso, este ficou conhecido como Reisado de Dona Lalinha.

Shows de artistas laranjeirenses que cantam solo que ocorreu na Oficina-Escola. Shows de artistas sergipanos que ocorreu no Palco Multicultural localizado na Praça de Eventos do Verão Sergipe. Shows de artistas nacionais que ocorreu em dois palcos dentro da praça de eventos e Shows religiosos que ocorreram no Palco D. Lalinha. Estava programado também Show dos grupos folclóricos no Palco D. Lalinha, mas acabou não ocorrendo.

Dos espaços citados, o que mais atraiu pessoas foi a Praça de Eventos. A praça foi projetada em um terreno baldio de grande dimensão. O próprio espaço do terreno, mesmo não tivesse tido a estrutura que teve<sup>9</sup>, seria o único possível espaço em Laranjeiras, pela sua própria dimensão, para sediar os grandes shows nacionais e mesmo os shows sergipanos, e atrair a quantidade de público que ele atraiu. O público dos “grandes shows” era em sua maioria moradores de Laranjeiras e de outras cidades do Estado que se deslocavam para a cidade exclusivamente para os shows noturnos. Os turistas empenhados em acompanhar as outras atividades do Encontro Cultural não compareciam muito a esses shows. Já o público dos shows de artistas sergipanos era composto, sobretudo por moradores de Aracaju e de outras cidades do Estado que acompanhavam aquele artista particular.

Se olharmos na direção oposta, o espaço que menos atraiu pessoas foi a oficina-escola. Sendo uma galeria de arte o espaço já não era muito favorável ao público já que as pessoas que estavam assistindo os shows tinham que dividir espaço com os quadros dos alunos expostos na oficina-escola. O único show que compareci em um espaço deste não contava nem com 10 pessoas prestigiando o trabalho do artista.

Desses espaços o mais interessante a destacar, em minha opinião é o Clube Recreativo porque como o clube já é um lugar de sociabilidade ele acaba tendo essa função no Encontro de Laranjeiras. Dessa maneira embora estivesse no papel apenas de sediar os shows dos artistas laranjeirenses

---

<sup>9</sup> A estrutura envolvia três palcos: dois para artistas nacionais e um para artistas sergipanos; três camarotes: um da prefeitura, outro dos patrocinadores e um outro do governo do estado, uma pequena arquibancada, camarim para os artistas; área para a polícia (civil e militar); bombeiros e SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência). Segundo a Secretária de Cultura do Estado, a praça de eventos estava preparada para um público de 60.000 pessoas e o Verão Sergipe tinha tido um custo de dois milhões e meio sendo 900.000 de patrocínio.

acabava fortalecendo os laços de sociabilidade dos moradores de Laranjeiras. Isso ocorria à medida que o público, enquanto assistia os shows dos seus conterrâneos na piscina ou sentados no bar conversavam e bebiam cerveja. Não é de se estranhar dessa forma que a grande maioria do público que assistia a esses shows eram pessoas da própria cidade e majoritariamente jovens e adolescentes.

Conforme já havia dito antes, o Palco Dona Lalinha estava localizado em frente à Igreja do Galo que é um marco de localização na cidade e por isso acaba atraindo mais pessoas de Laranjeiras do que de outras cidades do estado e de outras estados. Com os shows ocorridos lá isso não foi diferente. Tanto os shows de artistas laranjeirenses, como o show do Pe. Antonio Maria, ocorridos no lugar, atraíram, em sua grande maioria, a população de Laranjeiras. Outra característica desse espaço é que ele é, como o espaço projetado para o Verão Sergipe, um dos espaços com mais espaços vazios no centro da cidade, juntamente com o espaço onde foi sediado o parque de diversões como se pode ver no mapa. Esses espaços “vazios” tomam dessa maneira uma grande importância no contexto do Encontro Cultural porque eles são capazes de sediar as atividades que mais atraem as pessoas. Por conseguinte, eles são os espaços mais visitados e de uma maneira “mais importantes” para a grande maioria das pessoas que freqüentam o Encontro Cultural.

Fazendo uma analogia com a rua como um vazio figural (Holston, 1993) acredito que esses espaços são “um vazio que tem forma definida, em geral um volume retangular (...) emerge do contexto dos sólidos que (os) limitam como uma figura distinta e reconhecível que é vazia, mas tem uma forma” (Holston, 1993: 128). Por mais que esses espaços sejam, como as ruas de Holston, um vazio figural, eles só o são quando estão sem as atrações, porque as atrações, e as pessoas que assistem a essas atrações, transformam esse espaço de um vazio figural para uma figura de fato. Eles deixam de ser fundo para se transformarem em figura. Assim, por mais que cotidianamente a Praça da Conceição, na frente da Igreja do Galo, (onde se localiza o Palco D. Lalinha) seja o fundo e a Igreja junto com as casas ao redor a figura, no Encontro

Cultural essa relação se inverte e a praça, junto com o palco e as pessoas inseridos nela, passa a ser a figura e a igreja e os demais edifícios, o fundo.

Saio agora dos espaços “oficiais”, postos na programação do evento e me remeto aos espaços também utilizados no evento, mas que não estão na programação. Identifico primeiramente a Praça da Matriz. Localizada bem no centro da cidade esta praça, fora do tempo das festas, é utilizada como um espaço de sociabilidade, de encontros, brincadeiras de crianças, namoros e conversas. No tempo da festa, porém, ela ganha um outro sentido: moradia. Durante os dias do Encontro Cultural, a praça passa a funcionar como um camping e nela se vê hippies e estudantes vendendo bijuterias e apetrechos.

Um outro espaço importante para o Encontro Cultural de Laranjeiras é o rio Continguiba. É nas margens do rio Continguiba que ocorrem as primeiras louvações a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. A Festa de Reis, no domingo do Encontro Cultural, começa logo de manhã cedo, por volta das 08:00, com a louvação da Taieira, do Cacumbi e da Chegança nas margens do rio Continguiba. Os participantes destes grupos se encontram na casa de Bárbara, a coordenadora da Taieira, e saem cantando e dançando em direção ao rio. Após a louvação, encaminham-se para a Igreja Matriz, onde há uma benção feita pelo padre. Seguem, após a benção, para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito para participar da Missa em louvor aos Santos Reis, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Na missa, ocorre a coroação da Rainha das Taieiras, momento considerado ao mesmo tempo o ápice da Festa de Reis e também do Encontro Cultural. Como o espaço da igreja será focado no próximo tópico, pretendo aqui focar o rio.

O rio é um lugar central nas cosmologias que informam as casas e residências de muitas populações. Os habitantes de algumas aldeias na Indonésia, por exemplo, estruturam suas aldeias de acordo com a direção dos rios: “The village has two main gates, situated at either end, and called the upstream and downstream gate.”. (Waterson, 2009: 99). O rio possui também para os Dinkas (grupo étnico que habita o sul do Sudão) uma importância fundamental:



O rio não é somente um aspecto físico da paisagem, mas seu fluxo e suas variações estacionais controlam a vida dos homens, interferem no relacionamento dos indivíduos e pode assegurar prosperidade ou trazer desastres. Assim, forma diretamente parte da experiência moral como condição de vida e morte. (Lienhardt, 1985:197)

O rio Contiguiba, dessa forma, exerce um papel importante nas homenagens à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito realizadas durante a Festa de Reis. Sendo por isso, um espaço, não somente físico, mas social, de destaque no Encontro Cultural, principalmente para aquelas pessoas envolvidas com os grupos folclóricos e entre eles a Taieira, o Cacumbi e a Chegança.

Além do rio e da praça da Matriz dois outros lugares importantes para o acontecer do Encontro e que não estão na programação oficial são o palco do centro de tradições e o C.R.A.S. (Centro de Referência da Assistência Social). O C.R.A.S é o lugar onde são servidas as refeições durante os dias do encontro. As refeições são servidas para todos os participantes dos grupos folclóricos e dos grupos de teatro e dança. Além de serem servidas também para osicineiros e para alguns pesquisadores e turistas que estiverem pela cidade durante os dias e manifestassem esse interesse. No Centro de Tradições ocorrem apresentações dos grupos folclóricos depois que eles se apresentam em cortejo pela cidade. Lá, eles lancham, dançam e brincam com outros grupos em apresentações menos formais. Quem normalmente assiste a essas apresentações são os outros grupos folclóricos que acabaram de se apresentar.

Embora sejam espaços distintos fisicamente tanto o palco do centro de Tradições quanto o C.R.A.S. possuem funções simbólicas parecidas já que ambos permitem relações mais informais e trocas de experiências não só entre os participantes dos diversos grupos folclóricos mas também entre pesquisadores e os participantes dos grupos.

## Rua e Igreja

Neste tópico pretendo aprofundar a discussão sobre a apropriação dos espaços da cidade de Laranjeiras no Encontro Cultural focando em dois espaços importantes no Encontro: a rua e a igreja. Acredito que esses espaços ganham destaque na análise na medida em que são espaços importantes da Festa de Reis mesmo antes do Encontro Cultural. Segundo Dantas

As celebrações festivas de São Benedito e N.Sra. do Rosário (...) Remontam pelo menos à primeira metade do século XIX, época em que foi construída a Igreja de N.Sra do Rosário, padroeira dos pretos, hoje mais conhecida como Igreja de São Benedito. Aí os negros celebravam a festa de seus Santos patronos no dia 06 de janeiro, dia dos Reis (...) Por essa época, além da procissão, a festa incluía divertimentos diversos e apresentação de chegança, cacumbi e taieiras. (Dantas, 1976:9,10,11 *appud*: Nunes, 1993:61)

Esses espaços são os que mais dão conta da parte religiosa do evento, além de incluir também a parte profana do Encontro. Na rua ocorre o cortejo de grupos folclóricos, a procissão de Reis e o cortejo de abertura do Encontro Cultural. As ruas são chamadas por Lynch (1999) como vias que ele define como

Os canais de circulação ao longo dos quais o observador se locomove de modo habitual, ocasional ou potencial (...) para muitas pessoas, são estes os elementos predominantes em sua imagem. Os habitantes de uma cidade observam-na à medida que se locomovem por ela, e ao longo dessa vias, os outros elementos ambientais se organizam e se relacionam (Lynch, 1999:52)

As ruas são, dessa maneira, os elementos que organizam os trajetos das pessoas e as imagens que elas possuem da cidade. As ruas também acabam sendo identificadas com os seus moradores ou com os usos que eles fazem dela. Em Laranjeiras, por exemplo, apesar de as ruas terem nomes oficiais, elas são conhecidas pelos moradores da cidade por nomes antigos que nada correspondem ao nome oficial, mas que tem ligação com os usos

que se faziam dela ou com os seus moradores. A travessa Marcelino de Brito, no centro da cidade é conhecida como “Beco do Mijo” pelo uso que se fazia dela. Um outro exemplo é rua Pereira Lobo, que é conhecida como Rua da Poeira porque houve um dia uma moradora que varria a rua toda para não deixar poeira nenhuma.

A rua, entretanto, como diz Holston (1993) “não é apenas uma passagem para o tráfego. Seu espaço é um dentre vários elementos de uma forma complexa. Como uma configuração arquitetural, a rua compreende um espaço a céu aberto e uma “moldura” física que a contém e a enforma, ou seja, as fachadas dos edifícios e um chão”. (Holston 1993:114). A rua, assim, além de ser uma passagem para o tráfego é também uma configuração arquitetural e como tal projetada para sediar pessoas, relações e acontecimentos. Um desses acontecimentos que as ruas de Laranjeiras sediam é o cortejo de abertura do Encontro Cultural.

Para a abertura oficial é organizado um cortejo com os grupos folclóricos, alguns de Laranjeiras e alguns de outras localidades do próprio estado que se apresentaram durante o dia e permaneceram para o cortejo de abertura. No cortejo, os grupos dançam e cantam suas “tradições” acompanhados por autoridades políticas. O percurso do cortejo é variável, pois depende de onde será abertura oficial. No ano de 2010 a abertura oficial foi no Palco Dona Lalinha e o cortejo saiu do Centro de Tradições, percorrendo as ruas de Laranjeiras até o Palco Dona Lalinha tendo na frente a prefeita e outras autoridades municipais e estaduais, as demais autoridades seguiram de carro.

A procissão dos Santos Reis também ocorre nas ruas de Laranjeiras, durante a tarde de domingo. Quando todos os grupos presentes: folclóricos, religiosos, civis, já estão concentrados em frente a Igreja Matriz, a procissão sai em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A procissão, na minha observação, foi a atração do Encontro Cultural que mais agregou pessoas, sem considerarmos os shows noturnos. É um evento do qual a população de Laranjeiras participa ativamente, além da presença dos turistas, políticos, pesquisadores de folclore e estudantes.

É na rua também que ocorre os cortejos dos grupos folclóricos. É interessante observar que a rua instaura um status simbólico diferenciado nos grupos folclóricos, já que os grupos que se apresentam na rua são vistos pela população de Laranjeiras, bem como pelos órgãos públicos municipais e eclesiais, pelos turistas, pela imprensa e pelos pesquisadores com um status simbólico menor do que os grupos que se apresentam predominantemente na Igreja. Assim, complementando o argumento de Holston (1993), rua não é apenas uma passagem para o tráfego e uma configuração arquitetural, mas é também um lugar com valores próprios e por isso instaura um valor nos acontecimentos que se instauram nela.

Os grupos folclóricos que se apresentam predominantemente em cortejo pelas ruas da cidade são grupos folclóricos de Laranjeiras, como alguns grupos de reisado, mas de muito menos projeção que os grupos que se apresentam na Igreja e grupos de cidades vizinhas a Laranjeiras que vêm convidados pela prefeitura. Esses grupos não possuem nenhuma ligação com a festa de reis e a louvação dos santos pretos, eles vêm a Laranjeiras se apresentar porque ganham um cachê para isso. Os dirigentes desses grupos não são procurados nem pela imprensa nem por pesquisadores, e são de alguma forma desconhecidos pelos órgãos públicos municipais e dos órgãos eclesiais.

Os turistas não sabem muito bem da existência desses grupos, sabem que são folclóricos o que soa de maneira diferente para alguns deles. Alguns acham que as apresentações em cortejo são positivas, como uma turista baiana, porque é a melhor forma de apresentar muitos grupos folclóricos diferentes em poucos dias. Para outros, porém, como um turista que dizia ser do Egito, as apresentações dos grupos em cortejo parecia ser um catálogo: “temos isso, isso e isso”. Ele considera as apresentações muito rápidas e disse que por ele ficaria um dia inteiro assistindo uma dança para conhecer de verdade aquela dança e não só para assistir as pessoas de um grupo de dança passando em cortejo. Alguns turistas notaram essa diferença entre os grupos folclóricos, uma fotógrafa de Recife, por exemplo que chamou atenção para o envolvimento de alguns grupos com a comunidade citando a chegada como

exemplo. Ela chamou atenção também para alguns grupos que nas palavras dela, pareciam estar lá “por obrigação” como alguns dos cortejos.

Para os participantes desses grupos, a apresentação em cortejo é boa à medida que eles podem dançar e se divertir e não só andar pela rua, cantando com uma indumentária “folk”. Apresento esse argumento a partir do depoimento da dirigente de um grupo de Guerreiro “O Guerreiro Santo Amaro” (SE). Segundo ela: “eu gosto de dançar, não só de sair correndo em desfile, quando a gente para um pouquinho para dançar eles já vem dizendo, anda, anda”.

Com os grupos que se apresentam na Igreja, a pressão é bem diferente (na verdade, não há pressão). Esses grupos folclóricos se apresentam na missa matutina de dia dos Santos Reis (os reis magos e os reis pretos: São Benedito e Nossa Senhora do Rosário) Os participantes destes grupos participam do momento mais solene da festa dos Santos Reis que é de alguma forma também o do Encontro Cultural: a coroação da rainha das Taieiras. Além da Taieira, os outros dois grupos que dançam para Nossa Senhora do Rosário e São Benedito são o Cacumbi e a Chegança, que, como já vimos, participam da louvação aos Santos Reis desde manhãzinha as margens do Rio Cotinguiba. Esses grupos, portanto, todos de Laranjeiras, estão diretamente relacionados à festa de reis e à louvação dos santos pretos.

Por conta disto, essas manifestações, conforme penso, possuem um status simbólico maior e diferenciado das outras manifestações. A maioria dos turistas sabe da existência desses três grupos, e da missa onde eles se apresentam, os dirigentes desses grupos são os mais procurados pela imprensa e pelos pesquisadores, o papel de maior importância, tanto na missa, quanto na procissão é rendido a esses grupos, e eles são “a menina dos olhos” dos órgãos públicos municipais e dos órgãos eclesiais, mesmo paradoxalmente sendo grupos com uma ligação muito forte com a religião afro como é o caso da Taieira.

Há, dessa maneira, uma distinção simbólica e valorativa dos grupos, dada principalmente pelo espaço onde os grupos se apresentam. A rua, vista como um espaço mais profano é palco de manifestações que não possuem

nenhuma relação com a festa dos Santos Reis, já a igreja, lugar *ipso facto* religioso, é palco das manifestações consolidadas já na cidade como manifestações religiosas. Conforme diz Foucault, (2006) “o espaço contemporâneo talvez não esteja ainda inteiramente dessacralizado” (p.413) já que

talvez nossa vida seja ainda seja comandada por um certo número de oposições nas quais não se pode tocar: as quais a instituição e a prática não ousaram atacar: oposições que admitimos como inteiramente dadas: por exemplo, entre o espaço privado e o espaço público, entre o espaço da família e o espaço social, entre o espaço de lazer e o espaço de trabalho; todos são ainda movidos por uma secreta sacralização. (Foucault, 2006: 413)

Essas oposições trazidas por Foucault são vistas em Laranjeiras através da Igreja e da Rua. A Igreja, o espaço do interior, o espaço do sagrado do religioso. A Rua, o espaço do exterior, do que é profano. Várias leituras na bibliografia sobre a categoria espaço apontam essa distinção. Vernant (1990), por exemplo, ao fazer uma reflexão religiosa do espaço e do movimento entre os gregos através do par Héstia-Hermes diz:

A Héstia, o interior, o recinto, o fixo, a intimidade do grupo em si mesmo; o Hermes, o exterior, a abertura, a mobilidade, o contato com o outro. Pode-se dizer que o casal Hermes-Héstia exprime em sua polaridade, a tensão que se observa na representação arcaica do espaço: o espaço exige um centro, um ponto fixo, com valor privilegiado, a partir do qual se possam orientar e definir direções, todas diferentes qualitativamente (Vernant, 1990:155)

Utilizando as categorias formuladas pelo autor podemos associar a Igreja a Héstia e a Rua a Hermes, já que da mesma forma que lá, aqui também o par igreja-rua exprime em sua polaridade uma tensão que perpassa os grupos folclóricos que se apresentam no Encontro Cultural de Laranjeiras. No contexto brasileiro a oposição exterior e interior regulamentou grande parte das condutas nas cidades do patriarcalismo brasileiro. Segundo Freyre (1951) o sobrado e a rua por muito tempo foram quase inimigos “e a maior luta foi travada em torno da mulher por quem a rua ansiava, mas a quem o *pater-*

*familias* do sobrado procurou conservar o mais possível trancada na camarinha” (Freyre, 1951:163)

Vemos o interior sendo mais sagrado, como o espaço da Igreja em Laranjeiras, também em algumas ilhas indonésias. Na aldeia Baduí, por exemplo, existe um interior e um exterior:

Within the “inner” territory, all taboos must be strictly followed and transgressions can be punished by exile to the outer village. (...)The outer Badui do have some contact with outsiders, so that over time some Islamic ideas have, in fact, been absorbed into Baduí thought even in the inner area. At the centre of the inner Badui territory is an area called Artja Domas, which is conceptually the sacred centre of the Badui (Waterson, 2009: 96)

Dessa forma, espaços internos mais sagrados e mais femininos e espaços externos mais profanos e mais masculinos são vistos de forma não tão incomum por diversas sociedades e em diversos tempos. A contemporaneidade, que poderíamos supor que escapasse a essas associações cosmológicas não escapa, como vimos através da análise das apresentações dos grupos folclóricos no Encontro Cultural. A valorização mais positiva dos grupos folclóricos que se apresentam na Igreja em oposição à menor valorização dos grupos que se apresentam nos cortejos pelas ruas denota a importância que as idéias cosmológicas possuem ainda sobre os espaços.

A Igreja, por ser considerada eminentemente um espaço sagrado, atrai para si manifestações folclóricas envolvidas em um universo religioso e que são valorizadas positivamente dentro daquele contexto. A Rua, por outro lado, por ser considerada um espaço profano acaba sendo palco de manifestações folclóricas que pouco ou nada tem a ver com o universo religioso, apesar de, contraditoriamente, ser palco da manifestação mais religiosa do evento: a procissão de reis. Vemos, portanto que mesmo um espaço considerado profano, pode ser ressignificado em um outro contexto e ser palco dos acontecimentos mais sagrados.

Por mais que tenhamos feito aqui a oposição Igreja-Rua de forma mais contundente, a oposição, todavia não é excludente. No contexto da procissão,

por exemplo, vemos a Rua ganhando características cosmológicas que como vimos pareciam pertencer somente a Igreja. Dessa forma, não podemos reificar o argumento: Igreja: sagrado/Rua: profano, já que esses sentidos podem ser invertidos e ressignificados. Embora os sentidos possam ser invertidos, vemos ainda nesta inversão, categorias cosmológicas como sagrado e profano atuando. Dessa forma, como diz Foucault, o espaço contemporâneo talvez não esteja ainda inteiramente dessacralizado.

### Considerações Finais

“O evento mobiliza a cidade inteira, a cidade pára. Com o alto falante falando a programação o dia inteiro, a cidade toda se mobiliza para o evento”. A fala de uma turista de Recife que compareceu ao Encontro Cultural, nos faz pensar na cidade como uma entidade autônoma, que anda e para, de acordo com ritmos próprios e vontades próprias. Pensar dessa maneira parece ser uma maneira meio descabida de pensar, mas ao analisarmos os espaços que nos rodeiam e aqui mais especificamente as cidades nas quais estamos inseridos, vemos que “o espaço possui os seus valores próprios, como os sons e os perfumes têm cores e os sentimentos um peso” (Lévi-Strauss, 1957:125).

Vemos assim, como tentei mostrar ao longo do artigo, que os espaços não são apenas espaços projetados pelos seres humanos, mas possuem uma existência anterior aos projetos humanos e as pessoas interagem com eles. Pensar o espaço com valores próprios é pensar o espaço como sujeito. Da mesma forma, pensar uma cidade se mobilizando para um evento é também pensar essa cidade como sujeito.

### Referências Bibliográficas

- DANTAS, Beatriz Góis. *A Taieira de Sergipe - Pesquisa exhaustiva sobre uma dança tradicional do nordeste*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.
- \_\_\_\_\_. “Laranjeiras: Entre o passado e o presente”. In: NOGUEIRA, Adriana Dantas; SILVA, Eder Donizeti (orgs.). *O despertar do conhecimento na colina azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras*. Vol II. São Cristóvão: Editora da UFS, 2009.
- \_\_\_\_\_. “Nota prévia sobre rituais folclóricos numa festa de igreja. (A festa de São Benedito na cidade de Laranjeiras)” In. *Revista Sergipana de Folclore: Aracaju*. Aracaju, v.1, n.1 p.7-11, ago.1976.



- FOUCAULT, Michel. "Heterotopias" In: *Michel Foucault. Ditos e Escritos*. Vol III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1951.
- HOLSTON, James. *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- KUPER, Hilda. "The language of sites in the politics of space." In: *The anthropology of space and place* (Eds. Low, Setha; Lawrence- Zuñiga, Denise) Blackwell. 2003.
- LÉVI-STRAUSS, Claude: "Zona Pioneira" In: *Tristes Trópicos*. Cap XIII. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1957.
- LIENHARDT, Godfrey. *Divinidad y Experiencia: La religion de los Dinkas*. Akak. Madrid, 1985.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1999.
- NASCIMENTO, Bráulio do (Org.). *Encontro Cultural de Laranjeiras: 20 anos*. Aracaju: Fundação Estadual de Cultura, 1996.
- NUNES, Verônica Maria Menezes. *Laranjeiras: de cidade histórica a Encontro Cultural - busca de elementos para a integração da ação cultural*. Rio, UNIRIO. Curso de Mestrado em Administração de Centros Culturais, 1993.
- VERNANT, J.P. "Héstia-Hermes. Sobre a expressão religiosa do espaço e do movimento entre os gregos". In. *Mito e Pensamento entre os gregos*. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1990.
- WATERSON, Roxana. *The living house: an anthropology of architecture in South East Asia*. Tuttle Publishing, 2009.